Spártacus

Ano I — Numero 5 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 30 de Agosto de 1919

AOS REMADORES

Li o discurso que o trabalhador J. Vasconcellos proferiu na associação dos remadores, propondo uma ação política intensa para enviar-se ao Congresso um representante da classe operária.

O orador queria mais, que uma comissão fosse ao presidente da República indagar se poderiam os trabalhadores fazer isso. A proposta do orador foi aprovada unanimemente. Não houve na assembléa um trabalhador consciente capaz de opôr a semelhante idéa objeções devidas.

E isso é lastimável. Prova o atraza de inumeros proletários, de classes inteiras, no tocante a principios de reivindicação social. Ha, com efeito, uma turba de homens escravizados que inda apelam para os meios políticos, que inda confiam na ação parlamentar, que inda supõem grande vitória ver um ou dois operários afogados na multidão dos emissários burguêses, a falarem inutilmente, a esbravejarem sem resultado, a procrastinarem com esperanças vãs a sonhada emancipação dos homens.

No entanto esses trabalhadores deviam ver o exemplo dado por outras associações de classe de onde foram escorraçados, de uma vez, os políticos e a politicagem, convencidos os seus associados de que somente a ação diréta dos obreiros encorporados em sindicatos de resistencia póde levar a plebe á objetivação dos seus ideais.

Ainda agora, anuncia-nos *A Plebe* um ótimo serviço realizado pelos camaradas de S. Paulo, na sociedade Liga Operária. Aí compareceram o sr. Andréa Dó e os advogados dr. Alcantara Tocci e Floriano Waldeck.

«Todos os oradores, conta-nos *A Plebe*, insistiram sobre a necessidade e conveniência da constituição, dentro da Liga, do socorro mútuo, do cooperativismo, da agência de colocação, dos processos legais e da organização de um partido político que envie representantes seus aos poderes públicos, para que êstes advoguem os direitos do operariado.»

Propunham, como se vê, mais ou menos a mesma cousa que propoz aqui o operário Vasconcellos.

Felizmente na assembléa achavam-se dois valentes companheiros dos mais instruidos na questão social: Francisco Cianci e Florentino de Carvalho.

Êstes, contra a vontade do sr. Dó, se levantaram e discorreram sôbre a inutilidade do mutualismo, do cooperativismo, sôbre os grandes, contínuos e evidentissimos perigos de confiarem os trabalhadores sua causa a políticos de qualquér feitio.

Tais foram as razões dadas, que os próprios conferencistas se convenceram do seu erro e aplaudiram calorosamente os dois propagandistas da ação diréta.

Enquanto isto, presenceamos, aqui, um movimento de retrocesso. O que me leva o escrever estas linhas é perceber uma intromissão oculta, sorrateira, de elementos políticos no meio operário carioca. Sou informado, por exemplo, de que na interferência da Federação de Vehiculos a favor dos Tecelões, alguns figurões políticos se intrometeram, serviram ocultamente de intermediarios, levando as classes a *solicitarem* os bons oficios do presidente da República.

Não serviu assim de nada a essas classes o exemplo claro, positivo, eloquentissimo da intervenção Aurelino.

Que poderá fazer o presidente da República numa causa que interessa exclusivamente aos operários e patrões?

Poderá o presidente forçar uns ou outros ao cumprimento desta ou daquela decisão? E quem impedirá, feito o acôrdo, que êsse acôrdo se desfaça logo? Só há uma fôrça coercitiva nêste caso: a dos próprios trabalhadores unidos. Muito melhór que solicitações a chefes e chefêtes, a câmaras e politicastros seria a greve geral, isto é, o apoio unânime dos trabalhadores aos tecelões.

Si, em vez de parlamentações improdutivas e inconsequentes, a Federação de Vehiculos, concorde com as demais associações, proclamasse a greve geral, já a questão estaria definitivamente liquidada e os tecelões vitoriosos, porque o industrialismo carioca não suportaria, de modo algum, a greve geral por tres dias, mormente si aderissem a ela os ferroviários e os gráficos.

E' uma lástima ver que associações inteiras não compreenderam ainda isso.

Não atinaram ainda em que á fôrça dos industriais é necessário contrachocar a fôrça dos trabalhadores. Qualquer *solicitação*, qualquer *pedido*, qualquer *mediação* de estranhos, longe de revelar *fôrça*, revela *fraqueza*. Quando uma classe *implora* os bons oficios de terceiros confessa a impossibilidade de *conseguir por si mesma* o que exige. E' como si dissesse: «Exmo. Snr., nós, trabalhadores, somos uns fracalhões, escravos submissos, incapazes de um movimento coeso para obtermos por nossas mãos o que nos pertence: sabemos que V. Ex. tem alguma influência sobre os nossos amos e nos pode alcançar algum beneficio. Rogamos, por isso, a intervenção bondosa de V. Ex em favor de miseráveis trabalhadores, sem coragem, sem conciência e sem pudor. Beijámos as mãos de V. Ex. por semelhante graça e faremos o possivel por eleger a V. Ex. ou a algum parente, deputado ou senador no proximo pleito».

E' isso, nem mais nem menos, o que fazem os trabalhadores nos seus recursos aos politiqueiros.

E isso é, positivamente, uma vergonha.

Os trabalhadores só entrarão no caminho da emancipação definitiva quando riscarem do seu dicionário o verbo *pedir* e seus sinónimos. O lema dêles deve ser: *obter exigindo*.

Os remadores e as demais classes devem repelir terminantemente a proposta do Snr. João Vasconcelos.

Considerem no seguinte: as milhorias conseguidas pelas várias classes o foram pela energia dos proprios trabalhadores e não pelo prestigio desse ou daquele politico. Lembrem-se que até hoje nunca se lembraram nem os politicos nem os padres dos trabalhadores, a não ser para os alistarem e pelo voto dêles galgarem posições rendosas. Somente agora, quando a onda revolucionária crece, apavorados com a supremacia do proletariado sindicalista, calçam luvas moles, fingem-se interessados pelo trabalhador, prometem, agacham-se, enganam. Sim, porque sob as palavras blandiciosas vem o interesse deles, o afinco em sustentarem a todo transe a sociedade hierarquizada, o regimen capitalista que lhes garante a exploração nefasta.

Os remadores não se hão de entregar de mãos atadas aos amigos ursos e hão de aprender que é necessario, acima de tudo, *conquistar* e não solicitar.

Eleger deputados é pedir a outrem que lhes vá servir de intermediário e o meio mais certo de não terem nada.

JOSÉ OITICICA

Política é a arte de dominar e de tosquiar as massas. — Bakunine.

Em data de 24 veiu de Londres um telegrama contando as façanhas da policia ingleza que, armada de *tanks* e metralhadoras, aviões e cavalaria, dava caça a grandes bandos de *desordeiros* e *vagabundos* que, dispondo de automoveis armados faziam o saque na mais rica e na mais populosa cidade deste mundo anglo-saxonio e colonias.

Como se vê, o governo aperfeiçoou seus metodos de garantir a admiravel ordem burgueza reinante sobre a terra esfomeada e maltrapilha. Nós sabemos bem de que *bandidos* trata o telegrama. São aqueles que, cansados de esperar o fructo da victoria e as infaliveis promessas dos sabios e piedosos exploradores da vida, passaram da resignação ao facto e tornaram logica a teoria capitalista da luta pela existencia e da sobrevivencia dos mais aptos.

E não extranhamos que a fome produza esses lindos fructos numa sociedade corrompida e cruel; mas coramos de indignação e vergonha de ver como a burguezia despe as ultimas vestes e em mangas de camisa mata e insulta as suas victimas em nome da civilização.

Pobres diabinhas!

Ainda ha dias uma dama de rematada proficiencia no cronismo jornalistico (perdoem-nos o mau gosto da frase, impossivel de evitar em se tratando de uma burgueza intelectual) vinha toda armada de sua piedosa ira contra as nossas "melindrosas" e as nossas "entupidinhas" que batem as calçadas da Avenida e adjacencias ostentando uma lastimavel magreza e uma face sem póros toda tintada de pinturas e de *póses*.

Nunca imaginamos que um dia o *Spártacus* com a sua feição malcriada de rebelde viesse a tomar a defeza das burguezinhas elegantissimas que ostentam em joias e sedas as rapinas que os papais emprehendem com a lei, o direito, a justiça, a moral e... a policia.

Entretanto cabe-nos essa exquisita tarefa em que de certo as nossas camaradas não verão o crime de galantaria.

Si as nossas (isto é: deles) entupidinhas comparecem com todas as côres do arco-iris nas lindas faces á Bertini e á Theda Bara, (duas excelentes biscas e dois infaliveis modelos) pelos centros obrigatorios das elegancias mundanas e ahi deixam ver os modelos anatomicos de seus macios ossos, a culpa, coitadinhas! não é delas, mas desses mesmos censores paternaes ou jornalisticos que não podem perdoar absolutamente a ousadia que elas acaso tivessem de ser fortes e belas segundo a natureza e conforme o amor.

Que haviam e que hão de fazer essas pobres criaturas fluctuando entre os seus nobres instinctos e a ignobil opinião estetica do mundo onde se agitam?

Forçar a nota, exagerar os ademanes, dobrar as seduções da moda, fazer emfim tudo quanto possa agradar o olhar caprino e bovino dos seus pontifices e dos seus moralistas. Si fazem tal sacrificio, as cronicas ridicularizam seus esforços; e si mandam á fava os jornaes da moda e voltam ás implicidade natural, caem-lhes em cima com os apodos de suburbanas, roceiras, etc.

Ahi está!

D. E.

CRUZADA SOCIAL

O PADRE — Resignação, meu filho, com a resignação é que se ganha o reino dos céus. E no mais confia em Monsenhor Rangel, que é um grande socialista...

Duvidas e Esperanças

A duvida natural de todos os homens interrogando o futuro á beira do tremendo abismo a que nos levou a burguezia irresponsavel e feroz, parece agravar-se de momento a momento, á proporção que o desenlance da situação social se vai avizinhando.

Uma tremenda inquietação assalta a todos, a nós, revolucionarios, e aos reacionarios, mas de forma inteiramente diversa. Ao passo que nós, firmes na nossa radiante convicção de que um mundo melhor vai enfim surgir para os homens, consideramos a extensão da luta e a vastidão das ruinas e do entulho a remover, os reacionarios, varados de angustia e de terror, medem as consequencias do mal que semearam e que impuzeram a tantas victimas em tantas gerações.

Já quasi que não ha mais lugar no coração humano para se celebrar as festas da tranquilidade necessaria á alegria de viver. Um psicologo das multidões tem o mais vasto e o mais extraordinario campo de observações que imaginar-se póde.

Que será de nós amanhã? E as idéas surgem alternadas, confusas, impetuosas, obscuras e atravancadas como os escombros das grandes explosões.

Para mim tenho feito algumas series de considerações que se destroem umas ás outras e me deixam no estado anterior sem o menor resultado e sem o minimo esclarecimento. E por isso mesmo que não é possivel lobrigar no horizonte a ilha a que irei aportar nesse naufragio inevitavel dos homens e das coisas, deixo-me serenamente remontar ás origens de minhas primeiras revoltas e aos clarões de minhas primeiras esperanças.

O que hoje se passa na sociedade burgueza e na civilização mercantil em que sofremos, era tão logica e tão admiravelmente previsto pela critica anarquista, que qualquer de nós não póde estranhar a situação em que todos se acham nos dias actuaes. E uma vez que o inevitavel aconteceu, sejamos resolutos na passagem do desfiladeiro que nos conduzirá ás paragens luminosas da anarquia.

O velho mundo desaba pedra por pedra, parede por parede, compartimento a compartimento.

Apenas esse fragoroso desmoronar não só se dá com a rapidez com que a formulam os nossos desejos arrebatados, e no intervalo de uma ruina a outra ruina, os reacionarios arranjam tempo para as reconstruções apressadas que dão aos contemplativos a falsa ilusão da solidez dos muros. Falaz esforço! inutil engano!

O vendaval que sopra fóra redobra de furor, o terremoto nos subterraneos alonga as ondulações, e ao lado da ruina outra ruina arrasta o desabamento para o fim de tudo.

Mas que será de nós? Nada; o que sempre foi. No decurso dos seculos o homem vai sendo e cada vez mais homem. E embora sob os escombros da civilisação fiquem para sempre soterrados incontaveis milhões de membros da tristissima familia humana, aqui e ali os sobreviventes continuarão a vida com elementos novos e redobradas energias.

Mas essas idéas geraes não nos inhibem de estudar as causas da inquietação que traz tanta gente preza de torturas inuteis. E uma vez que nós outros, revolucionarios, somos impiedosa e insensatamente acusados de ser causa de males que tão claramente previmos e com tanta coragem moral condenamos, digamos mais uma vez aos cobardes caluniadores da sociabilidade humana, a essa burguezia despudorada e impudente que mais uma vez a grande duvida atormentadora das consciencias é um recurso infame de que ela lançou mão para desprestigiar a clarividencia anarquista e para retardar o momento da inevitavel derrota capitalista.

Apontar a anarquia como tumulto, cáos, desordem, terror e panico e dizer que nós anarquistas somos sicarios, imoraes, sanguinarios e vagabundos é um baixo estratagema reeditado nos quatro cantos do universo com uma frequencia que quasi não mais se comprehende. E' evidente, contudo, o fim dessas atoardas: é demorar o desastre e adiar o castigo a que faz jús a reação. Nós o sabemos bem; não nos deixamos envolver. O amanhã por que tremem tantos corações nós o conhecemos simples e radiante.

Si alguns de nós se perdem em cogitações e puro idealismo, é que sem o saber estão fazendo o jogo nefando do inimigo. Duvidar é capitular.

Façamos nobremente e serenarmente o nosso dever anarquista. Em grande parte ha de nos cabe a culpa da enormidade da catastrofe porque nos detivemos apiedados em face do inimigo que se ajoelhava. E esse inimigo não se pejou jamais de semear angustias, rapinas e morticinios em torno de si e agora, entrincheirado atraz dos montes de cadaveres da guerra, cobre-nos de lama e de doestos.

Para guardar a riqueza saqueada em toda a terra de tantas gerações, amedrontam mais ainda os rebanhos fabricando lobos e mascarando de tigres aqueles que se insurgem contra a impiedade da tosquia.

E' um miserável estratagema e o peior deles porque não se inspira em a menor nobreza, sinão no mais baixo sentimento de cobiça e de egoismo.

Si o velho mundo cáe, sejamos nós os agentes da velocidade dessa quéda, nós que divizamos atravez da espessa camada de dejeções e abominações burguezas as terras viridentes e fecundas da fraternidade vindoura.

De nós ha de ser o que sempre foi em epocas semelhantes, nos crepusculos das velhas civilizações, nas noites de pezadelos colectivos e nas auroras consecutivas em que os homens se reconheciam mais livres e mais iguais. A quéda da civilisação burgueza, com a sua terrivel envergadura que vai de continente a continente e de oceano a oceano, é a mais consideravel de todas, e é a nós outros anarquistas que ela se deve, porque nós fomos a dissidencia e fomos o pretexto nesse catolicismo despudorado e voraz.

De então em diante o mundo não conhecerá mais o terror amarelo porque a anarquia irá de depuração em depuração até as derradeiras consequencias da perfectibilidade social. E' em face dessa serena convicção que cada um de nós deve deixar de parte as aprehensões individuaes que nos fazem empalidecer, mas que em parte dão ganho á horrorosa causa burgueza.

Domingos Ribeiro Filho

As revoluções se fazem sempre, não nos esqueçamos, pelas minorias, e mesmo quando uma revolução tenha já começado, e que uma parte da nação aceita as suas consequencias, é ainda e sempre uma infima minoria que comprehende o que resta a fazer para assegurar o triunfo do que foi feito, e que tem a coragem da ação.
—Kropotkine.

A PLEBE diaria

Depois de amanhã, finalmente, teremos A PLEBE diaria. E' um velho sonho que se torna realidade e é uma esplendida afirmação de energia e de pujança. E inutil é acrescentar que o admiravel esforço dos camaradas paulistas merece e deve ser secundado por todos os meios libertarios do Brazil.

SPÁRTACUS envia, por antecipação, aos amigos de A PLEBE, um cordeal abraço pela sahida do victorioso diario.

FELIZMENTE!

O irremedeavel mentecapto das «notas» desembestou, ha dias, naquele seu negrita astral e soporifero, contra os anarquistas, uma serie de épicas patadas, que constituiram as delicias de todos nós, durante 24 horas a fio...

Ora, felizmente!

Porque nós nos sentiamos até envergonhados com as confusões, que ahi se faziam, a respeito da camaradagem entre a nossa gente libertaria e a gente redentorica e picareteante de A Razão.

Assim, com os desarrazoados, a que nos referimos, do maximaluco escrevinhadeiro e curandeiro da rua da Quitanda, ficaram as cousas nos seus devidos termos, sem mais possibilidades confusionistas.

Mas aprendam, com isso, os trabalhadores que acaso ainda ponham fé no «trababalhismo» e no «libertarismo» de A Razão. Ela é hoje, no Rio, a folha por excelencia consagrada ao desvirtuamento e á mistificação do movimento proletario, com o seu rendoso sabugismo epitaciano e jorgestreeteano.

Que lhe aproveite a chantagem; mas não ha de ser á nossa custa...

RERUM NOVARUM

Dictadura proletaria

Esta expressão — dictadura proletaria — foi, evidentemente, creada pela burguezia. Só a burguezia, na verdade, podia ter interesse em chamar de dictadura a ordem proletaria instituida na Russia e instituida tambem, embora passageiramente, na Baviera e na Hungria.

Muito bem se comprehende que ela assim procedesse. Chamando aqueles governos de dictaduras proletarias perfeitamente sabia a impressão que iria causar em todo o mundo burguez, governos e partidos. Mas sabia tambem que esse efeito iria mais longe, atingiria os proprios partidos radicaes, democraticos e socialistas.

Vimos e vemos todos os dias que passam os factos darem razão á burguezia. Ela não se enganou. Em todos os partidos, desde os simplesmente burguezes (o que não é de admirar) até aos mesmos partidos socialistas parlamentares, ha elementos que proclamam que o governo russo é eminentemente dictatorial, absolutamente anti-popular e irrevogavelmente anti-democratico.

Constatado isto, eu direi que não vejo mal nenhum em que todos estes cavalheiros proclamem e bradem contra a dictadura proletaria da Russia, como antes bradavam contra a da Hungria e a da Baviera. Ululando na imprensa e no parlamento contra essa dictadura, o que eles fazem é defender os seus queridos privilegios, que uma situação como a da Russia viria num instante aniquilar. Taes sujeitos são todos e integralmente burguezes. Nada temos, pois, que ver com eles.

Mas a expressão — dictadura proletaria — (e é disto que eu desejo ocupar-me) depois de creada pela burguezia para enxovalhar a revolução russa, depois de proferida pelos seus oradores e impressa pelos seus jornaes, passou para a imprensa libertaria, que se tem preocupado com ela, tomando-a, algumas vezes, a serio. Isto é, certamente, interessante, e, positivamente, verdadeiro. Nada, porém, de mais erroneo.

Chamando á situação russa — dictadura proletaria — como temos feito muita vez, embora com a simpatia e o encantamento que a burguezia, naturalmente, não conhece — cometemos uma irremediavel tolice. Porque a verdade é que, na Russia maximalista, não ha, nunca houve dictadura proletaria.

O que ha na Russia dos *soviets* é, simplesmente, o predominio de uma classe, o predominio da classe trabalhadora na direção geral do paiz. Ora a isto não se pode, em boa razão, chamar dictadura. Dictadura é o governo de um ou de poucos, todos os poderes e todos as forças reunidos nas mãos de um só homem, ou de um grupo de homens. E' a cessação de toda a autoridade por parte dos orgams legislativos ou executivos de um paiz, que a transferem, por vontade ou pela força, ao dictador ou dictadores.

Si houvesse dictadura na Russia, a constituição politica que todos conhecemos, não teria a menor razão de ser e seria mesmo incomprehensivel. Mas o que esta constituição nos diz é que todos os cargos publicos, na Russia, são o resultado da livre vontade dos trabalhadores reunidos nos seus respectivos *soviets*. E' ahi que eles decidem o que lhes convem, elegem ou demitem, confirmam ou revogam mandatos.

Depois, devemos considerar nesta coisa realmente simples: si a Russia é uma dictadura proletaria, todos os demais paizes do mundo não passam de dictaduras burguezas. Mas, ainda neste caso, o que se dá é o predominio de uma classe chamada — burguezia — sobre uma outra classe chamada — proletariado.

Dito isto, e admitindo sem repugnancia o termo *dictadura* com que a burguezia julgou insultar e desmoralisar a revolução russa, eu proclamarei, solene e alegremente:

1.º — que abomino a dictadura burgueza. E' a dictadura dos velhacos e ociosos deste mundo sobre aqueles que trabalham;

2.º — que admiro e grandemente venero a dictadura proletaria. E' a dictadura dos homens do trabalho sobre todos os velhacos e ociosos deste mundo. E, portanto, a unica justa.

Roberto Feijó

Ignoramos ainda a esta hora si já está resolvida a estupefaciente questão da mudança do Senado da Republica para um predio condigno de sua magestade pretoriana e da transcendencia da soberania... nacional.

Cerebros bem conformados e inumeros luminares do patriotismo militante andam a discutir o caso de que depende a salvação do mundo e lembram este ou aquele predio que, por estetica, vastidão ou conforto poderá agasalhar os magnatas que o povo sustenta com o subsidio e o desprezo e dos quaes espera mais asneiras e maiores vilipendios.

Mas, que diabo! essa gente já não sabe como ser logica nem como elevar os paes da patria (aliás filhos dela) á dignidade merecida.

Ha pelo Rio, á beira-mar, como o Monróe, varias e vultuosas construções de estilo inglez classico, com tanques vastos e altas chaminés que dão a impressão do mais alto luxo e... alivio. São os chateaux *da* City Improvements, Ltd.

Escolham um e metam lá o Senado da Republica. Ahi está.

HERCULES

O mundo hodierno é estagnação profunda
em que só vermes têm direito á vida;
negro atascal — morada do anelida
e muladar que de vibriões se inunda.

Demora o olhar a critica atrevida
na empestada pocilga nauseabunda
e vê da burguezia a besta imunda
feliz, porcinamente adormecida...

Tu, soberbo campeão de cem trabalhos,
manejador da rude e ferrea clava
e espantalho feroz dos espantalhos,

resuscita! e no horror dos nossos dias
o Alfeu desvia, ousado, e expurga e lava
este ascoroso estabulo de Augias!

Agosto, 1919. SYLVIO FIGUEIREDO

EM PETROPOLIS

Com grande afluencia de povo, efectuou-se no ultimo domingo, em Petropolis, o anunciado festival em beneficio das familias dos grévistas tedesempregados e dos nossos jornaes celões da vanguarda.

O festival constou de varios numeros de sucesso e realizou-se no lindo parque onde se acha situado o Palacio de Cristal.

O camarada José Oiticica fez, perante enorme assistencia, uma aplaudida conferencia de propaganda comunista.

Houve ainda bandas de musica, baile, quermesse e leilão.

E, aos que fomos do Rio a Petropolis, uma agradabilissima jornada, de cordealidade e sementeira.

LIGA COMUNISTA FEMININA

Para amanhã, domingo, ás 7 da noite, convocou a L. C. F. uma importante reunião, que se realizará na praça da Republica, 231, e será iniciada com uma conferencia de Alvaro Palmeira sobre — *A familia em regimen comunista*.

... o governo, ainda que quizesse, não podia resolver a questão social, porque esta depende de causas geraes e para resolvel-a é indispensavel mudar radicalmente todo o sistema, que é precisamente o que o governo está encarregado de defender.—Malatesta.

"A VOZ OPERARIA"

Orgam das classes trabalhadoras de Campinas (E. de S. Paulo).

Vende-se nesta redação.

O Soviet Russo e o Imperialismo Aliado

Mentiras e hipocrisias

Um dos correspondentes da *United Press*, em Budapesth, Edward Bing, obteve de Trotski uma entrevista radiografada, que o *Daily News* de 5 de julho ultimo publicou e de que *l'Humanité* extractou os seguintes topicos principaes:

Interrogado sobre a atitude da Russia bolchevista perante os governos aliados, Trotski respondeu:

— Em média pode dizer-se que o cidadão russo não crê absolutamente que a Russia dos Soviets esteja em guerra com Koltchak, Denikine e as burguezias da Finlandia e da Polonia. Estes grupos são pouco menos que insignificantes e desapareceriam em poucos dias, mesmo sem os nossos ataques, si não fossem sustentados pelo estrangeiro. A Russia faz uma guerra defensiva contra os imperialismos de Inglaterra, de França e dos Estados Unidos. Estes tres paizes copiam literalmente os methodos dos Hohenzollerns e se ocultam por traz de *governos* anti-bolchevistas inteiramente ficticios. Eles são os primeiros a violar a pseudo auto-determinação das pequenas nacionalidades.

A' pergunta sobre as disposições de paz dos Soviets, disse Trotski:

— Podem obter-se a este respeito informações do Sr. William Bullitt, representante do secretario de Estado Lansing, e do Sr. Lincoln Steffens, que vieram á Russia com uma missão de paz. O Sr. Bullitt é mais que competente neste assunto, pois que participou das negociações directas de que fui informado na qualidade de membro do governo dos Soviets. *A imprensa russa publicou o texto dum tratado de paz que os representantes dos Soviets e os dos Srs. Wilson e Lansing aprovaram.* Todavia o Sr. Wilson foi posto á margem neste caso como tem sido em tantos outros problemas. Clemenceau passou-lhe a perna, esforçando-se por sustentar a desordem na Russia e aterrozizar a opinião publica franceza com esse espectro. A Inglaterra e os Estados Unidos cederam a Clemenceau, e a Italia está já fóra do jogo. Nós declarámos abertamente, por via diplomatica, que estamos dispostos á paz embora a preço de grandes concessões, e esperamos mesmo convencer Clemenceau e seus cumplices de que o unico exercito europeu cuja força aumenta dia e dia é o exercito vermelho dos camponezes e operarios.

Mais tarde, continúa *l'Humanité*, um radiograma, passado de Moscou para Budapesth, expunha a historia dessas negociações.

A proposição de paz, cujos termos foram redigidos por Wilson, Coronel House e Lloyd George, foi levada á Russia pelo Sr. Bullitt, o capitão Petit e o jornalista Steffens.

O governo sovietista fez algumas modificações, que foram aceitas por Bullitt. Os aliados ficaram de enviar o convite oficial a todos os governos russos *no dia 10 de abril*. Mas... parece que não pensaram mais nisso, e afim de ocultar aos seus povos as razões da continuação da guerra e na esperança de arruinar finalmente a Russia, *o convite não foi nunca mais enviado*.

O referido radiograma, transmitidas na integra as clausulas assentadas nas negociações, terminava com estas palavras textuaes:

«A publicação destas proposições prova, uma vez mais, a hipocrisia dos governos aliados e desvenda a sua mentira, que consistia em fazer crer que os Soviets se haviam recusado a cessar as hostilidades. Mas a duplicidade dos governos aliados dá apenas um resultado: cerrar mais estreitamente as nossas fileiras para o combate irreductivel á aliança dos pequenos e grandes imperialistas que pretendem escravisar os operarios e camponezes da Russia.»

"A Mãe", de Gorki

Um dos ultimos retratos de Maximo Gorki

Para quem vive mergulhado nessa vida profundamente burgueza e passiva, a tremer deante de tudo, esse romance aparece como um grito á Revolta, como um clarim vibrando sonoro no meio da debandada.

No norte do Brazil, como na Russia Antiga, a miseria do povo é sem nome; a sua timidez, insondavel, a sua passividade, sem fim. E sobre tanta miseria, paira a ganancia dos comendadores capitalistas e a alegria dos abutres politicos que vivem a corvejar sobre a carcassa popular em busca das ultimas migalhas.

Pavel, meu heroe sem nome! Que a tua palavra obscura tremule sobre a terra brazileira, levante-a num impeto estupendo, retorça-a e sopre sobre ela um clarão de revolta — esta revolta que nos falta.

Somos umas bestas de carga, passivas e estupidas. Vivemos a desconfiar de tudo e de todos — sem solidariedade, mergulhados em uma profunda apatia moral.

Pois o chicote do libelo na cara desse povo que não tem vergonha, que não procura se revoltar!

Meu pobre povo miseravel a tolerar todas as ofensas, a suportar todas as afrontas!

Revolta-te! Grita, brada o teu protesto!

Rasga a tua mascara de hipocrisia e sujeição. Expulsa a ponta-pés todos os bandidos que te exploram, todos os politicos, todos os parasitas e manda aos diabos tudo e todos — desde as velhas crenças até mesmo os velhos deuses.

Octavio Brandão

O comunismo, a imprensa burgueza e a Associação Grafica

Alguns jornaes, quando se referem ao comunismo, abrem o dique de infamias. Mui poucos são os que reconhecem o valor e a justiça da causa.

Entre os caluniadores sobresahem, pelo seu atrevimento, o *Correio da Manhã* e a *A Noite*. Esses jornaes quando noticiam qualquer gréve fazem-no entre os maiores insultos. A classe proletaria nada vale, para esses senhores. Os comunistas são chamados «desordeiros», «perigosos incitadores de gréves» e vezes ha em que são chamados «propagadores da prostituição.» Isto está na indole do burguez — a calunia é a sua melhor arma. Admira-me é o papel dos graficos. Si a Associação Grafica quer ser respeitada e querida pelas outras associações proletarias é necessario que saiba cumprir o seu dever. Os tipografos não devem consentir a publicação de torpezas contra os trabalhadores. Urge que a Associação se compenetre do seu dever, que é o de solidariedade, o de defeza ás suas irmãs.

Os mourejadores estão fartos de saber que o maximalismo não é o regimen terrorista pintado pelos aliados. A Grafica tambem o sabe: é preciso fazer uma campanha bem forte contra os vilipendiadores do operariado e para isso á mister que o proletariado *boycotte* os vilões. Comecemos, pois, pela *A Noite* e pelo *Correio da Manhã*. E' trahir a causa operaria ler esses dois pasquins! Si a Grafica não cumpre o seu dever, os trabalhadores conscientes devem cumpril-o.

D'Almeida.

O governo emana dos proprietarios, tem necessidade, para sustentar-se, do apoio dos proprietarios, os seus proprios membros são proprietarios; como poderia, portanto, servir os interesses dos trabalhadores?— Malatesta.

Os Sindicatos Amarelos

No passado numero de *Spártacus* tivemos ocasião de comentar, embora ligeiramente, a fundação de uma organização dos trabalhadores das fabricas de tecidos, pertencentes á Companhia America Fabril. Apenas transcorrida uma semana nova organização, e pelos mesmos moldes, nos fornece assunto para novos comentarios. Desta vez, as victimas são os trabalhadores da Companhia Progresso Industrial, do Bangú.

O facto de surgir uma nova associação operaria mereceria elogios aos seus organizadores e a todos os seus camponentes, si esses organizadores não fossem os proprios industriaes e seus prepostos, com o fim de derrubar a associação já existente — a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos —, obedecendo a um plano de combate sistematico a todos os mais activos militantes, e visando estabelecer as guardas *brancas* que hão de defender os interesses dos capitalistas no momento da agitação revolucionaria das massas de trabalhadores conscientes.

Os industriaes e os governos sabem perfeitamente o perigo que correm as suas instituições, com o desenvolvimento da propaganda comunista, que visa pôr em mãos dos productores a terra, as fabricas e os instrumentos do trabalho, e, consequentemente, tirar a direção das industrias, a quem não tiver capacidade de administração, ou queira viver na ociosidade, explorando o trabalho alheio.

E' justamente para poder manter o desequilibrio economico, que os agiotas que especulam com a produção dos trabalhadores mantêm um enorme exercito de intermediarios, que são: politicos, padres, tabeliães, funcionarios publicos, comissarios, policias, jornalistas subornados, etc., e procuram formar os taes *sindicatos amarelos*, para assegurar a base do seu predominio.

A organização internacional do capitalismo tem o seu ponto de apoio no regimen da salariato, com que julga excluir ao trabalhador de qualquer direito sobre o producto do seu trabalho.

Ora, si este é o ponto de apoio que permite ao capitalismo monopolizar a produção social, e manter a supremacia economica sobre a classe trabalhadora, é natural que a burguezia combata, com todas forças de que puder dispôr, as organizações de resistencia, porque elas têm por objectivo a abolição do salariato.

E' sabido que as classes, que têm a altivez de proclamar os fins que almejam, logo são consideradas fóra da lei e das normas *juridicas* da sociedade actual, e os seus propagandistas victimas da ferocidade dos defensores da sociedade e da lei.

Por emquanto, são poucas, no Brazil, as organizações que isso têm feito. Si a memoria não nos falha, aqui, no Rio, só a Federação dos Trabalhadores fez declaração publica dos seus fins, em manifesto lançado á publicidade, por ocasião da chegada do Sr. Epitacio Pessoa, da Europa, no qual protestava contra a homenagem que alguns trabalhadores lhe fizeram pretendendo envolver varias classes que não concordaram com tal homenagem. E' possivel que essa declaração de um orgam federativo, que congrega dezoito associações de classe, tivesse espalhado o panico entre os burguezes e, o que é mais lamentavel, entre alguns militantes comodistas, que gostam de estar em evidencia, por vaidade pessoal, fazendo com que o elemento retrogrado se organize para obstaculizar os elementos revolucionarios.

Que a burguezia tratasse de formar a *guarda branca* contra a *guarda vermelha* dos trabalhadores, comprehende-se; que defenda os seus interesses, com todas as armas ao seu alcance, tambem é logico; o que não podemos comprehender é que sejam os escravos, os defensores dos seus senhores, ainda mais nos tempos que estão correndo...

Estivessem todas as classes já organizadas, capacitadas da missão que lhes compete desempenhar, e não teriamos de passar pelo dissabor de ver os trabalhadores se degladiar em lutas inglorias e fratricidas, emquanto os exploradores procuram se consolidar, dividindo o proletariado.

Muitas lutas temos encetado, muitos apelos têm sido feitos aos trabalhadores, muitos sacrificios tem custado a nossa obra aos verdadeiros lutadores e nunca se poude chegar a um completo entendimento, porque o suborno, arma que a burguezia e os governos empregam para desviar individuos e até colectividades, ainda pode causar seus perniciosos efeitos.

Ha urgente necessidade de definir a atitude das organizações de resistencia, de maneira que não possa mais se mistificar o fim que têm em vista e os meios a empregar para concretizal-os. Estão surgindo, dentro das mesmas associações de resistencia, varios elementos com atitudes ambiguas, pretendendo obter, pelo parlamento, as reivindicações da classe trabalhadora.

Acreditariamos na ingenuidade dessas criaturas, si não soubessemos dos planos que estão sendo traçados, para embaraçar a ação revolucionaria de varias classes e dos elementos que as orientam. Dissemos embaraçar, não é por não saber que se quer esmagar as associações que empregam a ação directa; estamos, porém, convictos que isso não será conseguido e, si a violencia fôr empregada, os resultados só nos poderão ser beneficos.

Os trabalhadores que estão á frente das classes, e encaminham a solução dos seus conflictos fazendo conchavos com os politicos e prestando informações sobre os meios que devem ser adotados, têm responsabilidade neste desmembramento das colectividades, porque demonstram a impotencia para enfrentar as peripecias da luta e a fraqueza dos trabalhadores para se impôr ao patronato.

A ação directa, que tanto espanto causa aos pusilanimes e aos inconscientes, não é o cáos nem a efusão de sangue, para que produza esse pavor. Embora já tenha sido discutido varias vezes o que significa a ação directa, achamos conveniente esclarecer uma vez mais o que na realidade é essa arma de combate.

Comprehendendo que os nossos interesses de trabalhadores são antagonicos aos dos nossos exploradores, e que as nossas organizações podem resolver todas as questões com os industriaes ou suas organizações, sem a interferencia de terceiros, não poderá ninguem, de boa fé, dizer que a interferencia de um estranho venha dar ganho de causa aos trabalhadores; pelo contrario, é mais um inimigo a combater.

Quando uma classe em luta não tem força para se impôr aos capitalistas, pretender solucionar a questão pelas *vias diplomaticas* ou esperar a benevolencia dos agiotas é simplesmente mostrar a inconsciencia e a incapacidade dessa classe; si fôr verificado o contrario, que a classe tiver a força necessaria para obrigar os capitalistas a ceder ás suas reclamações, age pela ação directa e revolucionariamente.

Isto comprehende-o a propria burguezia e por isso se está apressando em crear obstaculos ao crescente desenvolvimento das organizações de caracter revolucionario.

O proletariado deve atacar as causas e não os efeitos, pois que a miseria, os sofrimentos da classe trabalhadora são produzidos pela propriedade privada, que é preciso abolir. Todas as revoluções que o povo tem feito deixaram intacta a base da sociedade burgueza e é para sustentar essa base que a burguezia forma os sindicatos *amarelos*.

Portanto, trabalhadores, si queremos que as nossas reivindicações sejam conseguidas, só nos resta um caminho a seguir: desenvolver forte campanha contra a obra nefasta dos politicos e dos capitalistas, e tambem contra os elementos que se prestam a servir de seus lacaios.

Antonio Fernandes.

PELA ORGANIZAÇÃO!

Clamam victimas da Light...

Luz e Força
com força e sem luz

Este titulo reflecte um imenso contraste. Com efeito: quando do Oriente para o Ocidente os trabalhadores vêm trilhando a senda luminosa e audaz da emancipação integral, ainda existe, no Brazil, uma numerosa classe de trabalhadores escravisados por um forte sindicato burguez internacional, acobertado pelas baionetas policiaes.

Essa legião de trabalhadores desconhece os direitos mais comesinhos e até os proprios deveres de Homens, mostrando-se desse modo ignorante da sua mesma existencia como classe. Deixam-se arrastar, esses homens, pela vassalagem a chefes e chefetes, quando a dignidade do trabalho lhes impõe o contrario.

Vós sómente, empregados do polvo canadense, deixaes que vos exijam o trabalho á hora.

Especialmente vós, operadores, que trabalhaes 13 horas diarias, num serviço nocturno, sujeitos aos consequentes perigos do oficio.

E no entanto, dependendo das vossas mãos a luz e a força que ilumina e move a cidade, poderieis como ninguem, impedindo o funcionamento de todos esses aparelhos, impôr aos malvados exploradores o reconhecimento da vossa condição de homens, não permitindo o tripudio das injustiças de que sois victimas.

Para isso, para que o possaes executar a qualquer tempo, uma unica cousa se faz preciso: a organização em verdadeiros sindicatos de resistencia.

Dignifica muito mais ao homem moderno lutar pela liberdade do que viver como sei que a maioria ahi vive, com bajulações vergonhosas.

Pela experiencia, bem sabeis que os vossos direitos nunca serão respeitados emquanto viverdes na apatia.

A *Ligth* não teme a justiça burgueza e menos teme ainda qualquer fiscalização por parte do governo e assim pouco lhe importam *leis* e *decretos* que acaso a obriguem a ser mais razoavel para com os seus escravos.

Uma unica cousa a apavora e aterroriza: é a organização.

E porque não meteis mãos á obra de organização?

Direis com certeza que ela o prohibirá, que muitos têm sido já demitidos por o tentarem.

E que tem isso?

Porventura não tem ela posto na rua varios companheiros muitas vezes por motivos insignificantes? E não raro por se terem inutilisado no serviço? E a quem vos queixais então?

A quanta cousa revoltante assistiu o signatario deste, contrastando a falta de comprehensão dos trabalhadores com a arrogancia dos mandões de toda especie!

Ah! companheiros, soou a hora em que todos aspiram, por toda a terra, o bem estar para todos... E vós, escolhei: ou a organização para a vida, ou a desorganização para a morte.

Escolhei!

Eustachio Marinho.

Organizae-vos! Organizae-vos! Organizae-vos!

Entre os trabalhadores do Rio de Janeiro, a classe mais esplorada, mais escravisada e mais vilipendiada, é sem duvida a dos empregados da Light.

Os dirigentes da autoritaria empreza canadense, comprehendendo que a união dos seus «escravos» na associação de classe, que é o Centro dos Empregados em Ferro-Vias, viria formar a reação contra a opressão e a escravisação de suas victimas, resolveram demitir todos aqueles que lhes são apontados como suspeitos de fazer parte daquela associação de classe.

Assim é que, só na secção Jardim Botanico, além de diversos motorneiros e conductores, foram demitidos os fiscaes 201, 202, 207, 211, 212, 219, 220, 224, 233, 234, 235, 240, 250 e 258, os quaes não tinham falta que os desabonasse no desempenho de suas obrigações, sendo a sua demissão causada por denuncia feita por Fuão Medeiros, o grotesco, sanguinario e atribiliario chefete da fiscalisação, naquela Secção da Ligth. Este individuo é um verdadeiro régulo para os infelizes que têm a má sorte de serem mandados por este nefasto e tacanho chefete, que é um intrigante bajulador, quando na presença de seus superiores, e que se torna poderoso e autoritario quando na presença dos infelizes que obedecem a seu mando.

Julgando tratar com homens sem brio, sem dignidade e sem honra, julga-se com o direito de lhes dizer os maiores desaforos certo de que a tudo eles se sujeitam.

Algumas vezes acontece que entre estes ha homens conscientes que repelem a afronta com dignidade; e este mesquinho individuo, covarde ao extremo, com receio de um desforço pessoal, finge dar toda a razão á sua victima, para na primeira ocasião, covarde e traiçoeiramente, o acusar de uma falta imaginaria, inventada por ele e seus asseclas, demitindo aquele que soube repelir a afronta, e que mostrou ser homem livre.

Assim tem sucedido e assim sucederá emquanto os empregados no trafego da Ligth não sahirem da letargia em que vivem.

Companheiros da Light, chega de escravisação! uni-vos, companheiros! Fiscaes, conductores e motorneiros, todos vós sois escravisados e vilmente roubados; não vos deixeis mais ludibriar; despertae, e, guiados pela bandeira rubra da liberdade, preparae-vos para a reação.

Companheiros, os Bretons, Francos, Ribeiros, Brandões, Costas e Medeiros, querem desmoralisar a nossa associação de classe. Eles querem matar o Centro dos Empregados em Ferro-Vias para acabar com a vossa defesa unica.

Companheiros, a Light, para melhor vos explorar e roubar quer fundar mais uma associação, dirigida pelos directores dessa Ligth. Mostrai-lhe que já não sois mais escravos, repeli esse novo assalto ao vosso bolso, dizei aos vossos Senhores que tendes familia e que não podeis trabalhar para eles.

Companheiros! basta de covardia! levantai-vos e uni-vos aos vossos irmãos trabalhadores, para que no proximo dia da grande revolução emancipadora do proletariado, possamos mostrar a esses verdugos, que tambem somos homens, e dizer-lhes: Si quereis comer tendes que trabalhar.

O Ex-fiscal, *F. J. Taveira.*

O exemplo dos camaradas paulistas

Os nossos companheiros de S. Paulo, explorados e escravisados, lá como cá, por esta mesma insaciavel Light, acabam de, em duas grandes assembléas de classe, organizar o seu potente orgam de defeza.

A Liga dos Operarios da Light, velha aspiração dos nossos companheiros de S. Paulo, é hoje um facto consumado, uma realidade concreta e firme.

Aproveitemos o exemplo. Façamos da tenacidade a nossa norma e da audacia o nosso lema — e certo, dentro em pouco, estaremos todos arregimentados, promptos a reinvindicar os direitos inegaveis a que fazemos jús.

A Light em S. Paulo é a mesma Light do Rio. Que nós outros, empregados da Light no Rio, sejamos pois o mesmo que os empregados da Light em S. Paulo: trabalhadores conscientes, fortes dentro da associação e irreductiveis na defeza dos nossos interesses.

Anibal D. Queiroz

PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL

Domingo ultimo, conforme se anunciara, realizou o P. C. B., nucleo do Rio, uma importaute sessão publica, ás 2 horas da tarde, na praça da Republica, 231.

Abertos os trabalhos, diversos oradores trataram do fuzilamento, segundo os telegramas, de Maximo Gorki, historiando a vida do grande revolucionario agora tombado, ao que parece, pelas balas assassinas da burguezia.

Tratou-se tambem das perseguições que, em alguns pontos da Europa, estão sendo movidas contra os judeus, bem como dos massacres de negros na America do Norte, sendo formulados energicos protestos contra essas barbaridades da civilisação burgueza.

Nucleo do Encantado

Amanhã, domingo, reunião reunião deste nucleo, composto de camaradas activos e dedicados. Local: rua 2 de Fevereiro 46. Hora: 9 da manhã.

Nucleo do Andarahy

Este nucleo, recentemente organizado, reuniu-se quarta-feira ultima, tomando importantes deliberações referentes á propaganda das idéas.

Nucleo de Copacabana

Teve um exito completo o festival de propaganda organizado por este nucleo e realizado sabado passado, conforme se anunciara. O camarada Anastacio Gago fez na ocasião interessante conferencia.

Um apelo ao Sr. Epitacio

Como sabem os leitores, formou-se, ha pouco tempo, nesta Capital, um garboso batalhão feminino.

Acudindo ao apelo da benemerita professora Daltro, acorreram a enfileirar-se no novel batalhão, inumeras patricias nossas, cheias de amôr á Patria, á terra que as viu nascer. E' um orgulho para o Brazil. E' assim que se eleva o nome do Brazil. E' com factos e não com palavras.

Enquanto marmanjos, imbecis e pedantes, perambulam pela avenida, as jovens brazileiras dão provas do seu civismo e da sua dedicação ao torrão natal. Que o seu exemplo seja seguido.

O nosso patriotico governo não tem poupado esforços pela eficiencia militar do lindo batalhão. Soubemos estar ele aparelhado para qualquer emergencia. Já tem alguns canhões, milhares de fuzis e muita munição. Tudo isso fornecido pela União.

Quanto ao preparo e garbo militar não deixa nada a desejar. Póde ser comparado com o nosso famoso 52.

Ainda ha poucas semanas vimol-a desfilar pelas ruas desta cidade, causando admiração e entusiasmo até áquelas que julgavam utopico um tal batalhão.

Como dissemos acima, o governo tem tratado com o maior carinho o batalhão feminino, fornecendo-lhe armas, munições, etc.; mas esqueceu-se do essencial. E é por isso que escrevemos este artigo. Queremos pedir providencias ao Sr. Epitacio Pessôa, no sentido de ser fornecida ao batalhão a unica coisa que lhe falta. O facto é tão grave, que julgamos inadiaveis essas providencias. As nossas patricias não podem ficar desamparadas, á mercê das contingencias.

O facto é o seguinte:

Como todos sabem, estamos na iminencia de uma formidavel revolução maximalista que, si não fôr sufocada a tempo, revolverá até os alicerces a sociedade brazileira. A canalha bolchevista está á espreita do primeiro momento para atirar-se ao saque, á pilhagem desenfreada. Naturalmente, o batalhão feminino ha de auxiliar o governo a dar combate a esses celerados que tudo querem destruir. Mas, como ninguem ignora, quando ha noticia de uma revolução ou coisa parecida, ha sempre um qualquer desarranjo de barriga, principalmente nas componentes de um tão feminal batalhão. Ora, como póde um batalhão assim «desarranjado» travar batalha com os ferozes vermelhos, sem elixir paregorico? Portanto, necessario se torna que o governo mande fornecer bastante elixir paregorico ao batalhão, como medida de precaução.

Que o governo encomende, á Drogaria Granado, 500 litros de elixir paregorico, antes que seja tarde. Eis o fim deste artigo.

***

Pena é que o camarada Izauro não seja empregado do Granado, para preparar, envez de elixir paregorico, um qualquer elixir perigoso.

Só assim, nós, os trabalhadores, teriamos menos «melindrosas» para sustentar com o nosso suor...

Plinio Saraiva

Ação proletaria

A luta dos tecelões.

Melhor do que poderiamos dizer, e confirmando plenamente o nosso ponto de vista, aqui fartamente explanado, opinou Rafael Garcia, um dos secretarios da U. O. F. T. e presidente em exercicio, pela renuncia de José Pereira de Oliveira.

Disse Rafael Garcia, numa entrevista concedida á *Razão*:

«A nossa classe está descrente e com toda a razão, sendo, por isso, justissimo o seu movimento, que não traduz desanimo, nem enfraquecimento. Pelo contrario: o descontentamento da classe e a oposição á directoria actual, de que faço parte, são apenas indicios de força e de cohesão.

Fizemos a gréve, não pudemos vencer directamente e tomámos o caminho das negociações indirectas, que estão sendo interminavelmente prolongadas. Para se lançar nessas negociações pacificas a directoria teve que pedir a confiança da classe, fazendo-lhe promessas e lhe aconselhando paciencia.

O tempo tem decorrido e nada temos obtido para os nossos companheiros, havendo sido burlados todos os nossos esforços. Não temos mais, depois de tantos desenganos, a força necesaria para incutir confiança aos companheiros em relação ao desenlace das negociações por intermedio da Federação dos Conductores de Vehiculos. Os operarios em tecidos estão completamente descrentes (1) dos resultados da intervenção do sr. presidente da Republica e não querem perder tempo, preparando-se activamente para conquistar as vantagens e direitos que lhes são negados e que não puderam obter pela gréve pacifica...»

Nobres e corajosas palavras, estas, que registramos com verdadeiro orgulho. Elas valem por uma condenação inapelavel dos metodos «paz-social» e legalistas de ação, tão apregoados pelos politiqueiros e chantagistas do jornalismo imiscuidos nas questões operarias.

Bravos! pois, aos tecelões, que assim retomam decididos o verdadeiro caminho, o unico caminho directo das conquistas!

Grande assembléa de protesto

Domingo passado á noite, na séde da Aliança dos O. em F. de Calçado, efectuou-se importante assembléa operaria, convocada pela Federação dos Trabalhadores, por protestar contra as violencias da policia pernanbucana e daqui, bem como contra a politica de corrupção actualmente em actividade nos meios proletarios cariocas.

Foram pronunciados energicos discursos, por diversos companheiros, que salientaram a necesidade que têm as classes obreiras de opôr, duma vez, serios embargos á prepotencia policial contra os movimentos de reivindicação social dos trabalhadores, como se está agora vendo em Pernambuco.

Abordou-se tambem o assunto da intromissão da padralhada no movimento operario do Rio, com o fim expresso de desorganizar, corromper e desmantelar a nossa obra.

Foi por fim resolvido a convocação em lugar que será préviamente anunciado, dum comicio de protesto contra as violencias praticadas pela policia de Pernanbuco.

Um grande comicio

A Aliança dos Empregados no Comercio e Industria convida todos os empregados no comercio e industria a comparecerem ao grande comicio, ultimo da serie organizada pela mesma, a se realizar amanhã, ás 3 1/2 hs. da tarde, na Galeria Cruzeiro. São convidados igualmente os companheiros de Niteroi, bem como o operariado em geral.

O movimento dos graficos

Mais ou menos no mesmo pé continúa o movimento dos graficos, em virtude do *lock-out* declarado pelo Centro dos Industriaes.

Estes permanecem intransigentes, pensando vencer pela fome os trabalhadores. Mas inutilmente: a resistencía dos trabalhadores manifesta-se com uma firmeza inquebrantavel.

A Associação Grafica está disposta a sustentar o movimento até as ultimas extremidades. E para provar aos patrões que pela fome os operarios não se renderão, a Grafica creou um serviço especial de distribuição de generos alimenticios aos companheiros mais necessitados.

E assim, tendo ainda em conta o prejuizo colossal das casas fechadas, todas abarrotadas de trabalhos e encomendas, não é dificil prever para breve a rendição completa... dos patrões.

Temos ainda que registrar a pressão da policia sobre os operarios, detendo e prendendo alguns, sob a inspiração parcialissima dos industriaes.

---

(1) Tome com esta *A Razão*, que tanto elogiou a pedinchagem ao Sr. Epitacio! (N. da R.)

BOLETIM DA GUERRA SOCIAL

Através os telegramas da semana

Na Inglaterra

O movimento do proletariado britanico está sendo mascarado pela politica do gabinete de guerra cujas manobras ainda não sabemos si vingarão como as anteriores, que levaram as massas a adiar a decisão definitiva do estado social.

Além das gréves parciaes da Triplice União, outras de caracter dispersivo vão agitando as classes indifinidas, a plebe e a pequena burguezia.

E por cima dessa agitação tremenda, ainda o capitalismo e o estado tomaram a ofensiva e resolveram — imaginem o que? — fechar todos os estaleiros de construção de vasos de guerra! Está o Clyde deserto, e isso por dois motivos: em primeiro obrigando o proletariado a capitular pela fome, e o segundo por não ser mais necessario aumentar o frota de guerra que é ainda a primeira deste mundo de miserias.

Em Londres, o povo entrega-se ao saque, e lá vem a noticia, á moda ingleza, dizendo que os bandidos, que fazem saques ás casas de honrados negociantes, têm sido perseguidos pelos *tanks*, pelos aviões e pela cavalaria dos bravos vencedores da guerra.

Na França

Nada se sabe de positivo sobre a marcha das idéas comunistas e anarquistas embora os francezes degradados pela vitoria ainda cantem os hinos patrioticos que os embrutecem e acanalham.

As taes comissões populares de fiscalização de vendas e contra a especulação parece que estão na mesma. Naturalmente foram levar o producto da venda ao governo para que ele pagasse o soldo dos heróes desmobilizados que não têm mulher bonita nem ordem para seguir até a Hungria.

A pobre França vai aos trancos para a vassagem que lhes arranjaram os *révanchards* e os seus aliados inglezes.

Na Hespanha

A brilhante investida dos comunistar catalães está tendo os resultados que eram de esperar, pelo menos a burguezia continúa de calças na mão a arranjar soluções politicas para questões sociaes.

E' a eterna manobra.

O governo, corrompido até a medula, resolveu fazer a guerra... aos mouros da Africa.

O proletariado hoje só senta praça nas proprias fileiras e assim é possivel que Barcelona substitúa Budapesth e até mesmo que o Raisuli venha para o trono do Afonsinho.

São hipoteses; mas o contrario é francamente absurdo.

Nos Estados Unidos

Greves por toda a parte, protestos sem conta, fitas a mais não poder. O proletariado americano não dorme e vai lentamente rebentando os entraves que a politica semea na sua retirada... estrategica. E não é só o proletariado que se revolta, tambem os oficiaes da marinha americana decidiram pedir demissão do seu honroso posto de matadores de irmãos si o governo não aumentar o soldo. Si pagar mais eles voltarão a apoiar o democrata Wilson.

Tambem este delicioso farçante resolveu perseguir os açambarcadores, e isso para que o povo não se lembre de punir o verdadeiro açambarcador que é o governo. Delicioso.

Na Italia

Um caso curioso, depois da vitoria do governo na revolução de julho. Os camponezes da Campanha Romana tomaram as terras e as dividiram entre si apezar da lei que garante a propriedade. Diz o telegrama, cujo titulo é *Quasi Sovietismo*, que a policia nada poudef azer. Mas então para que o governo paga a policia e a guarda noturna? Este mundo está perdido. Antigamnete, em Roma, os papas roubavam as antiguidades pagans, hoje roubam-se terras! Que horror.

Na Russia

Denikine, o famoso *condotieri*, tomou novas posições no deserto e vai avançando para a *steppe*. Tambem Koltchak já está em Irkutsk, isto é, no coração da Siberia, e isso é justo, porque tambem os revolucionarios eram mandados para lá. Até as pedras se encontram.

Odessa foi retomada pelos inglezes que querem civilizar aquilo, e em nome dessa civilisação 30 navios de guerra bombardearam a gloriosa cidade durante 48 horas.

E' um primor! Depois os heróes desembarcaram, enterraram as mulheres, os velhos e as crianças e estabeleceram o regimen do amor e da justiça no grande emporio do sul.

Ao norte, as coisas estão um tanto duvidosas. Estonianos, lituanos, inglezes, finlandezes e até os lapões e os esquimáos apelaram para os gentilissimos canhões aliados e associados que naturalmente acudiram ao apelo e vão limpar as neves árticas da mancha luminosa do maximalismo.

E em torno dessas infamias o proletariado europeu fica impassivel!

Na Alemanha

A historia da Silesia está mal contada. Os celerados alemães e os sicarios polacos, pagos por Clémenceau, afogoram em sangue a insurreição dos mineiros de Kotowitz. Mas não levaram o carvão, e toda a Alemanha anda ás escuras com frio. Dahi para a revolução ha dois passos.

Na Hungria

A estupida e insensata agressão rumaica contra a comuna de Budapest vai produzindo os esperados frutos de que a *entente* ha de saborear a acidez e o amargor. Os desgraçados hungaros estão sendo despojados mais literalmeute que os viandantes da velha Calabria, e os bandidos hoje são a gente mais culta e mais civilizada do planeta, inclusive a Lua.

Mas mesmo assim o comunismo está de pé e todo o povo amanhã se levantará para reconquistar as suas liberdades e os seus bens saqueados. Os cobardes rumaicos terão o castigo que merecem, porque para eles estão voltados todos os povos do mundo.

Em Portugal

A gréve ferro-viaria ainda não teve solução; nem pode ter, por isso que um dos pretensos juizes da questão é a parte principal do litigio: é o governo.

Conforme a manobra jesuitica em vigor nesta civilização gangrenada e repelente, o telegrafo nos traz noticias as mais divertidas sobre o que ha lá pela Santa-Terrinha: invasões dos *coiceiros*, incendios no Funchal, prisões de maximalistas, fusões de partidos, manifestos socialistas, banquetes de diplomatas, a morte de duas vacas no Mondego e até uma dôr de barriga do filho da comadre Maria.

Mas apezar desse noticiario de sensação, o povinho portuguez vai rachando as ventas do patronato e preparando o advento de uma das mais gloriosas comunas da Europa.

No Egito

Como a flor do lotus, brota do Nilo sagrado a flor do maximalismo. Os irreductiveis *fellahs* que levantaram as Piramides, levantarão tambem amanhã o monumento imperecivel de sua independencia sobre o cadaver da Inglaterra, a torpe e cinica escravisadora e sanguesuga dos povos. O grito de toda nação egipcia já ecoou no Canadá, na Australia, nas Indias, em todas as latitudes onde o ideal de liberdade foi sufocado pela cobiça do nefando capitalismo britanico. Esperemos.

Em toda a Terra

O ideal em marcha, a aurora da redenção. A onda se avoluma e o rochedo do estado capitalista vai sendo roído incessantemente pela força todo poderosa e eterna dos povos.

O PROGRESSO

A humanidade atravessa, no momento, uma fase incomparavel na historia.

A lenda apocaliptica da confusa Biblia está-se realizando. E' impossivel deter o Progresso.

As classes pobres põem-se em campo, na estacada, em defesa dos seus direitos.

Diz-se que cada povo tem o governo que merece. E' uma verdade.

Todos os dias temos noticias de que, em diversos paizes, as massas populares atiram-se sobre as propriedades publicas e particulares, ou seja, contra o alvo do seu odio, ali onde vêem o seu mal estar.

As sandices religiosas, os exercitos armados e os parlamentos governamentaes, fabricando leis de ocasião, não satisfazem, nem detêm as multidões, sequiosas de Justiça e Liberdade, de pão e bem estar.

Ha quatro anos atraz, quando os anarquistas apregoavam uma sociedade de iguaes, um viver em comum, eram taxados de utopistas, loucos e desequilibrados! E hoje, estendendo os olhares pelas regiões da Europa, nós vemos a Russia, a Hungria, a Yugo Slavia, realizando a utopia anarquista, o commismo!

É impossivel deter o Progresso!

Os desherdados de todos os paizes, a plebe faminta e rota, num impeto de revolta, formando a grande «onda vermelha, que se avoluma e avança», vão destruindo todas as engrenagens da má organisação actual, destruindo todos os factores da miseria humana, destruindo todos os sustentaculos da podridão social!

Manoel Gama.

O caso do "Jornal do Comercio"

Recebi de S. Paulo uma insultuosa carta-bilhete que vou transcrever na integra:

«Como um dos membros da Comissão Paulista protesto solenemente pelas infamias assacadas contra a mesma e principalmente pelas inumeras mentiras referentes ao companheiro Torres.

Admira-me que um homem como Você que se preza de defender as idéas justas venha vomitar tudo aquilo que muito bem entendeu, procurando infamias e mentiras para encher 2 colunas do *Spártacus*.

Previno a Você aguardar a publicação de nosso ralatorio pela *Plebe*.— *José Conti*.»

O que escrevi com referencia á comissão paulista vai adiante reproduzido, sem omissão de uma só palavra:

«Foi enviado um companheiro a S. Paulo, para solicitar dos colegas graficos daquela cidade o seu apoio moral e material. De lá voltou o mensageiro acompanhado de cinco representantes da União Grafica Paulista, que traziam poderes para actuar de acôrdo com as necessidades que tinhamos na ocasião.

Recebendo autorização da assembléa para entabolar negociações com a empreza do *Jornal do Comercio*, a comissão paulista conferenciou — em tres doses — onze longas horas com o director do mencionado jornal. O resultado foi o que todo mundo viu: só podiam ser readmitidos, dos operarios em parede — cerca de 200 homens — 22 companheiros!...

A comissão dos graficos de S. Paulo julgou-se satisfeita e bem *impressionada* com a amabilidade do Sr. Comendador Botelho!

A um membro dessa comissão — o colega Torres — tivemos a oportunidade de perguntar si, no caso de fracassarem as negociações, a União não mandaria paralizar o trabalho nas oficinas da edição paulista do *Jornal do Comercio*.

O companheiro acima citado reflectio... alguns segundos e respondeu:

—O negocio não é assim como o camarada julga... A edição paulista não está em lisonjeiras condições economicas. Ha tempos reclamamos um aumento no preço das linhas de linotipo. O gerente Matos apresentou-nos provas completas da má situação financeira da casa e..., desistimos da reclamação...

Ficamos estupefactos como o modo de pensar do colega de S. Paulo, perguntando a nós mesmos que ligação pode haver entre os interesses dos graficos e a propriedade ou decadencia da empreza exploradora do Sr. Ferreira Botelho.

Desta forma, os nossos companheiros paulistas vieram ao Rio de Janeiro apreciar as ultimas maravilhas do Dr. Frontim, visitar o Corcovado, Ipanema e Leblon, e outros logares interessantes da *nossa* linda metropole, conversar amigavelmente com o Sr. Botelho e... o que mais?...»

Diante deste processo evidente de responder calunias, não é necessario esforço de inteligencia para comprehender de que lado está a razão.

O que, porém, me compete no presente momento — em face da insolita agressão de José Conti — é desenvolver os acontecimentos passados aliando-os a factos posteriores, — conjunção esta que vai dar resultados excepcionaes.

E, para que se não diga que exagero, vou afirmar:

O colega Torres era e é conhecido no Rio — e tambem em S. Paulo — como amigo de *farras* de Henrique Rios, o qual se queixou, quando de regresso da inauguração do *Jornal do Comercio* da terra dos bandeirantes, de que o referido companheiro abusára de sua camaradagem, pedindo-lhe volumoso dinheiro, a titulo de emprestimo, esquecendo-se, no entanto, de fazer a devida restituição.

O colega Torres, por conseguinte, era suspeito, não tinha capacidade moral para, junto de seu camarada *farrista* — Henrique Rios, director tecnico do *Jornal do Commercio* — intervir em favor da Associação Grafica do Rio de Janeiro.

O coloquio a que me rcferi no *Spártacus* de 16 do corrente, entre a minha pessoa e o companheiro acima mencionado, teve logar ás 4 horas e meia da madrugada, nas proximidades da estação Central da E. F. C. do Brazil, em seguida a cinco longas horas nas quaes esperei, na séde social, o resultado da missão de que estavam encarregados os graficos de S. Paulo, e é a pura expressão da verdade.

Foi tão deliciosa a permanencia da comissão na atraente metropole brazileira, que um dos seus componentes — André — já se colocou, como chefe, em uma tipografia da rua de S. Pedro, e outro escreveu a João Leuenroth e ao camarada Lima, solicitando um posto n'*O Estado*, jornal que se publica em Niteroi, concorrendo, assim, com os que se acham desempregados em virtude da malograda gréve do *Jornal do Comercio*.

Outra revelação: Hilario Lima, auxiliar da paginação do jornal de Ferreira Botelho, teve este rasgo de sinceridade dirigido a um dos sacrificados na luta:

— Excelente comissão a Grafica arranjou! Assisti com espanto á conversação que ela teve com o Rios, *metendo, sem piedade, o pau no teu pessoal*...

Que pandega!...

E vai dahi José Conti entra a esbravejar, entendendo que é com protervias grosseiras e bravatas quixotescas que se empana a verdade.

Em todo caso vou esperar, pacientemente, o *relatorio* da comissão paulista.

Pedro Rangel.

UMA CARTA

A proposito do primeiro artigo de Pedro Rangel sobre *O caso do "Jornal do Comercio"*, recebemos de S. Paulo a seguinte carta, a que já nos referimos a vez passada:

«São Paulo, 20 de Agosto de 1919. —Srs. Redactores de *Spártacus*. — Saudações. — Como leitor que sou do vosso jornal, tenho o prazer de cumprimentar-vos e pedir-vos um pouco de atenção para o facto que me leva a escrever-vos esta.

No numero 3 do vosso jornal ha na terceira pagina um artigo (*O caso do «Jornal do Comercio»*), assinado pelo companheiro Pedro Rangel. Nesse artigo ha tantas inverdades quantas linhas possa ele ter. Inverdades, digo, no referente á comissão paulista, da qual fiz parte. Mas tudo isso será explicado no Relatorio, que estamos elaborando e que será publicado por um jornal daqui, onde exporemos tudo tal qual se passou, e por onde poderão avaliar qual foi a nossa atitude com referencias ao movimento do *Jornal do Comercio*.

Passando ao ponto capital do artigo, tenho a dizer-vos que, como membro que fui da comissão paulista, e deparando meu nome no referido artigo (*citado entre riscas*), procurei ler com bastante atenção o que o companheiro Rangel diz ter ouvido de mim, e fiquei boquiaberto em ver que ha pessoas que precisam lançar mão de... taes processos... (1), dizendo aquilo que não é, e escrevendo o que nunca sucedeu.

O companheiro Rangel, si estava *são* no momento de escrever o *artigo*, então nesse caso foi muito mal informado, porque, do contrario, é que não estava bom do juizo. Diz ele no tal trecho que eu declarei que a edição paulista não está em lisongeiras condições economicas e que ha tempos reclamamos um aumento no preço das linhas de linotipo, e que o gerente apresentou-nos provas da má situação financeira da casa e que em vista disso desistimos do pedido. Ora, já se viu semelhante disparate?!... Eu quizera saber onde o companheiro Rangel falou comigo, em que lugar, em que dia, em que hora?... Eu quero que me diga onde foi que eu lhe fiz taes declarações? Não teria sido um sonho? Eu receio que sim... Teria sido num sonho, e o companheiro Rangel julgou estar acordado. Si, porém, foi informado por alguem, esse alguem lhe mentiu redondamente, e para prova vou expôr aqui o que foi que declaramos (tanto eu como os meus companheiros) com referencias aos nossos movimentos:

Quando nos perguntavam como iamos nós aqui no *Jornal*, sempre a nossa resposta foi a verdade: Que estavamos bem, muito unidos, e que no unico movimento, que tivemos, sahimos satisfeitos, pois pedimos um aumento de 50 a 20 por cento, e esse aumento foi atendido. Por conseguinte estavamos trabalhando a gosto. Estas foram as declarações que fiz e as mesmas feitas pelos meus companheiros. Faço saber ao companheiro Rangel que aqui no *Jornal* (ao menos no tempo que eu trabalho) nunca fizemos pedidos de aumento do preço de linha, e não havendo sido feito esse pedido creio que seria um absurdo dizermos semelhante disparate, que só reverteria em nosso prejuizo e nada mais.

Como vêdes, prezados redactores, ha no artigo muitas inverdades, algumas das quaes me atingem, e por isso é que vos peço a publicação destas linhas para o conhecimento de todos e rebater o ponto que me diz respeito. Não convem tocar nos outros pontos, porquanto, como vos digo anteriormente, vai ser publicado um relatorio onde vamos expôr tudo e por ahi os prezados companheiros poderão tirar uma conclusão da nossa intervenção no referido *caso* e a quem cabe a culpa.

Sem mais subscrevo-me, etc.

Christoram Torres. — «*Jornal do Comercio*», Edição de São Paulo.»

* * *

NOTA DA REDAÇÃO — Ao darmos publicidade, quer a este segundo artigo de P. Rangel, quer á carta que nos enviou C. Torres, nada mais fazemos que dar ampla liberdade de defeza aos que necessitam defender-se. Tambem de J. Conti recebemos uma carta-bilhete, que não publicamos por ser identica á que dirigiu a P. Rangel e vai transcrita no artigo deste.

Agora, duas palavras nossas. Preliminarmente declaramos não desejar de modo nenhum, sirva esta folha de arena á discussão, em terreno pessoal e injurioso, entre quem quer que seja.

Ninguem mais do que nós almeja ver estreitados os laços de solidariedade e cordealidade entre os graficos de S. Paulo e Rio. Isso, no entanto, não impede critiquemos e divirjamos da ação e dos processos empregados, lá ou cá, ou cá e lá, na solução dos seus conflitos. A nossa atitute, sempre da maior simpatia pelas organizações proletarias e seus movimentos, será sempre, porém, de inteira independencia. E essa independencia de que jamais nos alijaremos, queremol-a tambem para os nossos colaboradores, mesmo quando estes se firmem em pontos de vista contrarios aos nossos.

Nesse caso do *Jornal do Comercio*, como de resto já o deixámos registrado, a nossa impressão, diante da solução que ele teve, foi a peor possivel. E podemos assegurar que essa foi tambem a impressão geral causada nos meios operarios cariocas, a começar pelos camaradas nossos que militam dentro da propria Grafica.

(1) Suprimimos aqui umas expressões que julgamos inconvenientes e que nada adiantariam á discussão.— (*N. da R.*)

A essa bôa gente brazileira...

Diz a maioria da nossa gente brazileira, com especialidade a gente carioca, que a campanha libertaria no Brazil é feita somente por estrangeiros.

Protesto, porque eu sou brazileiro, genuinamente brazileiro, tão brazileiro quanto esses que procuram desvirtuar os principios da nossa doutrina, e, no emtanto, sou um dos elementos — e com orgulho o digo — dessa campanha nobilitante em pról da Liberdade.

Diz ainda essa gente do Brazil, com especialidade essa gente *sebastianopolitana*, que o anarquismo no Brazil só é professado por estrangeiros. Protesto, porque eu sou brazileiro, e, no entanto, — sou anarquista.

Que os microcefalos não possam conceber essas idéas, nós outros não temos culpa disso.

Protesto, em nome dos brazileiros que, como eu, professam a doutrina santa de *Proudhon*, o pae da Anarquia, segundo a Historia, contra o que diz essa gente — *que a campanha emancipadora do Brazil é sustentada por estrangeiros sómente*.

Dizer-se isto, — é duvidar da mentalidade anarquista do Brazil, tão dedicada, neste momento historico, ás grandes reivindicações humanas.

* * *

Quem é que diz isto?

São estrangeiros? Não. Então, vejamos.

São os brazileiros que têm ainda fóros de escravidão e de servilismo. São os brazileiros que se degradam e se estiolam nas tascas ou nos festins. São os brazileiros que, nos dias de Carnaval, vão para as praças publicas requebrar o *maxixe*, fazendo rir os burguezes reclinado nos automoveis de luxo.

São os brazileiros que se espartilham para tornar as fórmas abdominaes mais elegantes e atrahentes.

São os brazileiros que se exibem com um anel monstruoso e até inestetico no dedo indicador, sem conhecerem ao menos elementos de aritmetica e de gramatica. São os brazileiros que fazem parte da *bohemia intelectual*, morfetica, sclerotica e alcoolatra, que força o cerebro para produzir bobagens...

São os brazileiros que, no mercado da Imprensa, comerciam a sua consciencia com os capitalistas e os governos. São os brazileiros que não podem pensar, vibrar e sentir porque o seu estado patologico — é incuravel!

São esses brazileiros que nos atacam e nos querem mal.

São esses que querem *discutir* as altas questões sociaes.

* * *

Eu mesmo, depois que me declarei anarquista, no dia 1.º de Maio, perante todo o mundo oficial, tenho sido atacado como — *desordeiro e doido*.

Sou *desordeiro e doido*, porque não assalario as minhas convicções ao Estado. Sou *desordeiro e doido*, porque não perco a fórma de homem consciente para me transformar num homem desvirilisado e inconsciente. Sou *desordeiro e doido*, porque tenho a hombridade de atacar frente a frente os representantes do Estado — felizmente já falido.

Sou *desordeiro e doido*, porque sou — anarquista.

Sou *desordeiro e doido*, porque leio Kropotkine, inspiro-me nas paginas maravilhosas de Bakunine e de Carlos Marx e admiro a obra de Lénine na Russia.

Sou *desordeiro e doido*, porque não quero ser burro como eles.

Sou *desordeiro e doido*, porque sahi das trevas — e agora estou na luz.

* * *

São *desordeiros e doidos* os anarquistas, porque querem a revolução social para transformar esta sociedade em uma sociedade moderna, onde todos tenham o direito de viver tranquilamente.

* * *

Agora, não são desordeiros e doidos os que assassinam, roubam, prostituem a castidade, difamam e desmoronam os lares, pervertem as creanças e matam-nas a fome e a frio, e ainda tripudiam impunemente sobre todas essas miserias!

* * *

Eu não seria *desordeiro e doido* mais si continuasse a bater palmas aos donos da Republica, carunchosa e anacronica.

Não seria mais *doido* nem *desordeiro* si quebrasse a espinha dorsal e fosse beijar os pés de monsenhor Rangel — o pão de ló de toda a festa, segundo a frase humoristica de um camarada nosso.

Não seria mais *doido e desordeiro* si me submetesse ás paixões dos politicos, — esses demolidores dos santuarios onde se cultiva o pensamento livre..

* * *

Quero ser *doido e desordeiro*! Não importa! O que eu não quero é ser adulador dos governos.

O que eu não quero é servir de bôbo e de subserviente aos governos e capitalistas como essa bôa gente brazileira que não é doida e desordeira como eu.

Antonio Geraes.

PROFISSÃO DE FÉ

Fazer a minha profissão de fé, seria, porventura, a primeira cousa a que me obrigava em escrevendo para uma multidão amorfa e anonima como a de que faço parte e como todas as multidões. Tenho uma fé; mas não comprehendo que a minha razão de fé seja subordinada a norma alguma, nem comprehendo que nada que é livre e incoercivel possa ser subordinado a uma medida, a uma tamina ou a um preestabelecido principio exterior. Não reconheço leis nem principios á minha conducta, tanto moraes como intelectuaes. Sou expontaneo, amoral, nem mau nem bom; faço o que quero; só admito uma logica: — a dos factos necessariamente humano-vitaes...

Assim, pois, sinto-me com uma disposição especial, particular, de traduzir em idéas toda a miseria do momento actual repercurtindo no meu ser, ser, este, insatisfeito, torturado, semi-vencido, capaz do sacrificio de viver como vive, capaz de tudo, capaz das maiores abnegações e dos maiores desfalecimentos, menos de ser homem e homem integralizado em si mesmo...

E porque similhante estado?

Socialmente, dentro das normas da actual sociedade, sou um privilegiado (para quem me não conhece bem); e nem por isso eu aprendo a viver...

Nunca comi pão duro, ou deixei de comer pão; nunca dormi numa calçada, num banco de jardim, ou no *xadrez*, e não sou probo como fôra de esperar-se; nunca roubei (não tive ainda coragem de ser virtuoso) e, no entanto, sinto-me mal, muito mal, desgraçado, infeliz...

Nasci em virtude de vontades estranhas a mim — e nem de outra fórma eu nasceria — e já neste simples e quiçá maravilhoso facto teria eu uma bela justificativa á minha revoltada condição na vida. E a vida não é boa nem má em si mesma: é como que indifferente... Por ahi, vê-se o que sou e como o sou. A muitos parecerá isso uma sem-razão, um contra-senso ou cousa equivalente. Mas, porventura, é o senso a condição primordial á vida?...

Ora, como me sinto nesta condição revoltada, que me permito, e como nela me mantenho na esperança de mudal-a, vejo-me impelido a transvazar, destas colunas, todo o meu veneno ancestral...

Não irei com isso provocar um gesto piedoso de ninguem, que não mereço, nem tampouco irei pedir que me dêm fé, não só pelo pejo que tenho de pedir, como pela minha impossibilidade de fazer que *todos* sintam a minha desgraça antes de sentirem a *sua*...

E nesta sociedade irrisoria e mesmo indigna de ironia, de toda a ironia, já não digo da ironia que dou á vida pelo facto de viver numa sociedade tal, infelizmente é preciso que cada um de nos sinta a *sua* miseria para poder então sentir a miseria alheia.

E isso me entristece, isso me desanima...

E onde o remedio para o mal que parece irremediavel? Onde essa luz que nos inundará o rosto de alegria?

Entretanto, tal estado afectivo que creio ser preciso e presente á comprehensão da miseria humana (e então a miseria continuaria a dominar e oprimir a maioria ingenua e indefeza), nada mais é de que um erro de minha vizualidade desnaturada pelo ambiente em que vivo: por uma inversão de sentimento logro aprehender que a *minha* miseria é um simplissimo corolario da infinita miseria social.

Sinto um profundo e incontido despreso pelo homem, um como que piedoso despreso, nascido desta desvirtuada lucta pela vida, silenciosa, profunda, negra, com todo o imensuravel peso de uma civilização incomprehensivel, a fugir da Natureza, produzindo as mais inuteis torturas na Terra.

E nem quero outra cousa sentir pelo Homem si não despreso, o despreso que sinto por mim mesmo e o qual, ás vezes, é tão sincero, tão incontido, que digo a chorar: — Eu bem podia ser humano, imensamente humano...

Neptuno Pacca.

OS NOSSOS JORNAES

"A RAZÃO"

Orgam dos interesses dos empregados das estradas de ferro e do operariado em geral, este semanario, que se publica em Baurú, E. de S. Paulo, acaba de entrar em nova fase, tomando a sua direção o nosso camarada J. Alves.

Muito bem!

Um arauto

Mais um jornal que surge e, este, em pról da revindicação da parte da humanidade asfixiada pelo despotismo de uma minoria parasitaria, inconsciente, pervertida, que se banqueteia a custa do suor alheio e zomba quando contra si se levanta a celeuma ameaçadora dos que a sustentam.

Spártacus é bem a voz do clarim que soa, núncia de uma nova éra que se aproxima, em que não mais haverá, sobre a face do planeta Terra, a diferenciação de classe que tanto retarda o progresso da colectividade na unificação dos povos com um mesmo ideal, — o ideal da igualdade, da fraternidade universal.

E' tempo já que acabe a opressão do mais forte contra o mais fraco.

E' necessario que nos compenetremos que não mais devem existir vassalos e senhores, que não mais podemos tolerar que a humanidade esteja dividida em duas classes; uma, a parte parasitaria, que nada produz e vive na abastança, mercê do roubo legalizado, isto é, da usurpação do trabalho alheio permitido pelas leis imperfeitas que regem aos povos, emquanto a outra parte, a parte que trabalha, a parte que produz, vive presa da miseria e da fome.

Nos tempos que correm, a inteligencia dos oprimidos se aclara, rasga atalhos de luz por entre a obscuridade intensa que os cerca e caminha invicta para a redenção.

Hoje a reação é medida imperiosa, a lucta vae começar, aproxima-se o momento em que a Bastilha da opressão deve ruir por terra.

E' necessario que após tanto sangue correr «pela causa da civilisação», que após o desmoronar de tantas cidades, após a quéda da tirania, a justiça triunfe e reconheça que todos os homens são iguaes, que todos têm os mesmos direitos e as mesmas necessidades que todos devem trabalhar para que todos «vivam a sua custa».

A semente está lançada, o terreno é propicio, ela germinará e, no tempo oportuno colheremos, por certo, sazonados fructos.

E a vós, redactores do *Spártacus*, a vós paladinos desta cruzada bemdita, eu vos saúdo fazendo votos para que a fadiga nunca vos vença e nunca a coragem vos falte nesta jornada sublime.

Narcez Meinicke.

"O CRAVO VERMELHO"

Romance, por Domingos Ribeiro Filho.

Um volume brochado 1$000.

Vende-se nesta redação.

Administração

Entradas

Venda avulsa	128$960
Assinaturas	6$000
Pacotes	49$500
Lista 19	24$000
Resto da lista 4	18$000
D. Maria de M. Lacerda	10$000
Alexandre Barbosa	4$000
Custodio Rosa	4$000
U. O. Construção Civil	50$000
Do festival em Petropolis	57$500
	351$960

Saidas

Redação	28$000
Administração	37$500
Anuncios	20$000
Carretos	8$500
Passagens	6$300
Selos	12$800
Tipografia (8.000 exp.)	450$000
Cartazes	20$000
Gravura	9$900
Brochuras	26$500
Tampa de moringue	$400
	619$900

Resumo

Entradas	351$960
Saldo anterior	1.123$800
	1.475$760
Saidas	619$900
Saldo	855$860

Rio, 26 de Agosto de 1919.

Santos Barboza.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º., sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por paco'e de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

Brochuras de propaganda

Dictadura policial — por Astrojildo Pereira......... **$200**

◊◊◊◊

A familia em regimen comunista — trecho varios — edição da Liga Comunista Feminina **$100**

◊◊◊◊

Doze provas da inexistencia de Deus — por S. Faure **$400**

◊◊◊◊

Giórgicas — por Neno Vasco (edição brazileira).......... **$100**

◊◊◊◊

No Café — por Errico Malatesta.......... **$400**

◊◊◊◊

O que é o maximismo ou bolchevismo — *Programa comunista* — por Helio Negro e Edgard Leuenroth — um belo volume de 128 paginas.. **1$000**

◊◊◊◊

Luta sindicalista revolucionaria — *Meios e finalidade* — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas.......... **$600**

Vendem-se nesta redação